

Prosódia da ironia: fala espontânea x fala atuada

Wisla Madaleni Alves Cabral Ferreira

Submetido em 26 de fevereiro de 2015.

Aceito para publicação em 05 de outubro de 2015.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 50, junho de 2015. p. 48-77

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2016

23:59:59

PROSÓDIA DA IRONIA: FALA ESPONTÂNEA X FALA ATUADA

IRONY PROSODY: SPONTANEOUS SPEECH X ACTUATED SPEECH

Wisla Madaleni Alves Cabral Ferreira*

RESUMO: Muitos foram os estudos prosódicos que buscaram investigar o comportamento acústico do afeto social da ironia, entretanto, os corpora utilizados em geral foram compostos por fala atuada. A fim de contribuir com a literatura, buscamos mostrar como a fala irônica espontânea difere da fala irônica atuada, em questões prosódicas. Para isso, contamos com enunciados irônicos espontâneos retirados do Programa CQC e atuação desses mesmos enunciados por atores. Verificamos que as medidas acústicas de F_0 são aumentadas na atuação, proporcionando variações exageradas nos movimentos melódicos, mostrando que a fala atuada pode não ser representativa para os estudos do afeto social da ironia, uma vez que mostra uma caricatura das características prosódicas da ironia espontânea.

PALAVRAS – CHAVE: prosódia da ironia; fala espontânea; fala atuada.

ABSTRACT: Many were the prosodic studies that investigated the acoustic behavior of a social irony affection; however, the corpora used in general in those studies were composed by performance speech. To contribute with the literature, we try in this work to show how the ironic spontaneous speech differs to the ironic performance speech in prosodic issues. For this, we took spontaneous ironic statements and performance set out by actors from the Brazilian TV show CQC. As results, we have found that the acoustic measures of F_0 were increased during the performance, providing exaggerated variations in melodic movements; this means that the performance speech may not be representative for the studies of social affection of irony, since it shows a caricature of prosodic features of spontaneous irony.

KEYS-WORDS: prosody of irony; spontaneous speech; performance speech.

1 Introdução

A ironia foi definida de muitas formas diferentes; para os Estudos Clássicos a ironia era um método de arguição, utilizado por Sócrates para orientar seus alunos; assim, por demonstrar um sentido conceituado como sarcástico, “o termo adquiriu, na Retórica, o sentido de expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer” (PAULA, 2012, p. 25); temos também autores que a definiram como uma “consciência do poder de agir; [...] postura reflexiva e produtiva” (BRAIT, 1996, p. 29). Neste meio temporal, Muecke (1995, p. 48) diz que a “ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma, mas uma série infundável de interpretações subversivas”; aqui cabe adicionar mais considerações de Hutcheon (2000), que afirma que a ironia irrita ao negar as certezas, ao mostrar a ambiguidade, e sua expressão zomba, ataca, ridiculariza, exclui, embaraça e humilha, e é exatamente na quebra das expectativas, no não esperado, que circulam as subversões discursivas.

* Mestre em Letras com ênfase em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais (2015). Graduada em Letras pela mesma instituição. E-mail: wisla_madaleni@hotmail.com.

Falar de ironia quando se quer dizer o contrário ou falar de ironia quando há desvio do significado literal pode mostrar variações de um mesmo tipo de construção contextual. A ironia, na fala espontânea, pode vir como sátira humorística, apontamento político ou social – de maneira mais informal –, quebra de expectativas, as quais formam as intenções do falante frente à cena enunciativa. Tais construções são percebidas pelos ouvintes, também, por diversos parâmetros – contextuais, discursivos, gestuais e auditivos –, o que nos leva a pontuar que tanto a produção quanto a recepção do afeto social da ironia é individual, uma vez que cada indivíduo percebe um mesmo enunciado de acordo com suas concepções e conceitos acerca do conteúdo proposicional.

A definição de ironia nunca foi abordada de maneira clara, havendo lacunas de compreensão no que tange seus conceitos e situações de uso contextual; contudo, não nos propomos aqui a discutir todas as construções irônicas discursivas e seus efeitos no discurso e nos sujeitos envolvidos na interação verbal; objetivamos analisar as construções de enunciados irônicos em contextos específicos do ponto de vista acústico em fala espontânea e fala atuada.

É certo que há aspectos que diferenciam a fala espontânea da fala atuada. Trataremos então fala espontânea como antônima de fala atuada e fala lida, embora tenhamos consciência de que há certo monitoramento nos programas televisivos, mesmo os de transmissão ao vivo, como prevê a literatura (Barbosa 2002; Couto, Sá e Figueiredo, 2002).

A ironia já foi estudada prosodicamente por Moraes (2010, 2011) e Paula (2012), mostrando o comportamento deste afeto social acusticamente em fala atuada; entretanto, tais autores não buscaram compreender seu funcionamento dentro do discurso, em uma situação real de comunicação.

A literatura compreende, ainda, estudos da fala espontânea e atuada para outros afetos sociais e emoções, nos mostrando que as duas modalidades de fala comportam-se diferentemente uma da outra no que tange sua prosódia, por exemplo por Audibert (2007) para emoções e por Antunes et al. (2014) para certeza e incerteza.

Procuramos, portanto, entender o comportamento prosódico da ironia na fala espontânea e na fala atuada, por meio de medidas de frequência fundamental (F_0) de enunciados espontâneos e atuados, a fim de mostrar como as situações discursivas das modalidades de fala (espontânea e atuação) interferem nas escolhas prosódicas dos falantes. Para isso, contamos com enunciados espontâneos advindos do programa televisivo CQC, e atuação destes mesmos enunciados por estudantes de arte cênicas.

2 Prosódia e Entonação

2.1 Definições

O significado do termo prosódia, bem como as funções que a prosódia desempenha na interação verbal, vêm sendo discutidos por diversos teóricos. Entretanto, com um número crescente de trabalhos que investigam a prosódia, apoiados em várias definições para o termo, não há consenso entre os autores no que diz respeito à definição conceitual de prosódia e sua distinção da entonação.

A prosódia pode ser analisada em diversos níveis linguísticos: do suprasegmental aos traços melódicos da expressão oral. A prosódia foi, desde seus estudos primórdios, associada aos traços melódicos da língua falada, que eram ligados aos acentos e durações dos segmentos. Entretanto, mais tarde, o termo ganha um sentido mais amplo, passando a designar outros aspectos além do melódico, como ritmo, velocidade de fala, intensidade, enfim, um conjunto de todos os aspectos suprasegmentais, traços que não se expressam na articulação segmental de consoantes e vogais. Apenas traços melódicos, então, não se mostraram suficientes para os estudos prosódicos, e o termo passou a abranger, também, os suprasegmentos. Cagliari (1992a) agrupou os elementos suprasegmentais prosódicos em elementos da melodia da fala: tom, entonação e tessitura; elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis; e elementos da qualidade de voz: volume registro, qualidade de voz, nos mostrando a complexidade e o leque de recursos que o falante possui para construir sua expressão. O autor propõe ainda que as análises prosódicas devem compor-se por estes elementos aliados a questões linguísticas de todos os níveis, a fim de enfatizar a linguagem como um construto reflexivo da linguagem. Este é um exemplo da abrangência que o termo prosódia pode ter.

De acordo com 't Hart, Collier e Cohen (1990), o falante, na produção da expressão de enunciados diversos, além de articular uma sequência de sons organizados em um limite temporal, também controla a intensidade, a duração, a melodia e a qualidade de voz relacionadas a esses sons. Esses autores defendem que os traços vocais constituem a camada suprasegmental ou prosódica, possuindo uma dimensão expressiva, a qual é adicionada ao processo de comunicação entre os sujeitos. Assim, a prosódia pode contribuir para a construção da produção/recepção dos enunciados situados em contextos.

Seguiremos as noções conceituais de Pike (1945), que defende que a prosódia se manifesta através da entonação, a qual se ocupa das variações melódicas expressas pelas variações de F_0 ; tais oscilações podem resultar em adições, diminuições e modificações no conteúdo da mensagem linguística. Nesta mesma linha, para Crystal (1969), prosódia é a variação de parâmetros de intensidade, duração, pausa e altura ao longo da expressão da fala, incluindo, ainda, ritmo/acento e entonação; o autor destaca que uma mudança na curva melódica é capaz de modificar o significado linguístico da expressão em interação. Já a entonação (vista por ele como parte da prosódia) é uma representação da melodia da fala, do que é percebido auditivamente pelo falante.

Assim, trataremos a entonação em seu sentido amplo, conforme as considerações de Hirst e Di Cristo (1998), de acordo com o qual o sentido amplo seria entendido como sinônimo de prosódia, abrangendo características de outros traços prosódicos, como tom, força, ritmo e tempo; no sentido restrito, a entonação estaria ligada apenas às variações melódicas, à melodia (*pitch*).

É importante pontuar que as medidas acústicas não são unívocas ao considerarmos a percepção em relação à produção. Moraes (1984) apresenta a correspondência entre os níveis de análise prosódicos:

Quadro 1- Correspondência entre os parâmetros entonativos em diferentes níveis¹.

Fonte: MORAES, 1984, *apud* ANTUNES, 2007, p. 36

¹ As flechas contínuas indicam relações primárias e as pontilhadas, relações secundárias.

Nível Fisiológico	Nível Acústico	Nível Perceptivo	Nível Linguístico
Tensão nos músculos laríngeos	frequência fundamental (Hz)	altura	entonação
pressão sub-glótica	intensidade (dB)	força (<i>sonie</i>)	acento
tempo de articulação	duração (<i>durée</i>) (ms)	alongamento (<i>longueur</i>)	quantidade
articulação	estrutura formântica	timbre	fonemática

O quadro acima esclarece quanto às relações entre as medidas acústicas e as perceptivas e linguísticas equivalentes: movimentos de F_0 , variação de intensidade ou prolongamento de segmento – medidas no nível acústico – são percebidas pelo ouvinte no nível perceptivo e ajudam a construir o significado (linguístico) pretendido pelo locutor.

Para Hargrove e McGarr (1994), a prosódia representa o uso linguístico de componentes vocais do discurso, sendo definidos como aspectos suprasegmentais. Segundo tais autores, a prosódia possui um sistema que rege nossas percepções e que fornece ao ouvinte informações importantes durante o processo de interação. Definem a melodia/altura melódica (*pitch* – percepção auditiva associada à dimensão acústica de frequência), o volume (*loudness* – percepção auditiva associada à dimensão acústica de amplitude ou intensidade), a duração (percepção auditiva associada à dimensão acústica de tempo) e a pausa (percepção auditiva associada ao silêncio) como as características prosódicas e tempo (envolve o uso de elementos temporais como velocidade de fala – sílabas pronunciadas por segundo), entonação (utilização comunicativa do *pitch*), acento (uso de proeminência para objetivos da comunicação) e ritmo (relativo ao uso de sequências rápidas e lentas no discurso durante a interação) como componentes prosódicos do ponto de vista linguístico (CORREIA, 2007).

Dentre os níveis prosódicos, para tratamento dos dados, optamos em estudar os parâmetros do ponto de vista acústico, mais especificamente as medidas de frequência fundamental.

2.1 Funções da entonação

Segundo Moraes (1984), a entonação está diretamente vinculada à subjetividade do falante e desempenha funções linguísticas e identificadoras em diversos aspectos do uso interacional da língua. As funções da entonação são múltiplas e, ainda que se manifestem paralelamente, referem-se a nuances pertencentes a diferentes níveis (sintático, semântico e pragmático), tendo em comum apenas o seu suporte: o enunciado.

Para Moraes (1984), as funções da entonação seriam:

- (i) Função comunicativa – integra e segmenta as unidades.

(ii) Função organizadora da mensagem – organiza a informação em tema (informação já conhecida) e rema (informação nova).

(iii) Função modal – distingue um enunciado assertivo de um enunciado interrogativo.

(iv) Função expressiva – exterioriza as emoções e atitudes do locutor.

(v) Função identificadora – caracteriza a área dialetal, o nível sociolinguístico e o registro do locutor.

Contudo, o autor assume que essa divisão é uma abstração, uma vez que os níveis são inter-relacionados. Nessa proposta, Bolinger (1985, p. 34) afirma que: “the affective, attitudinal, emotive side of intonation is inextricably intertwined with the grammatical side”, propondo uma relação de compartilhamento de características e relações entre os níveis.

Para resumir e sistematizar a proposta de distinção entre as funções prosódicas, Moraes (1984) nos apresenta um quadro distintivo entre as funções expressivas e gramaticais, porém enfatiza, como poderemos observar no quadro, que muitas vezes há sobreposição dessas funções.

Quadro 2 - Distinções entre função expressiva e gramatical da entonação.

Fonte: MORAES, 1984, *apud* ANTUNES, 2007, p. 39.

Entonação Expressiva		Entonação Gramatical
Emoções	Atitudes	Modalidades lingüísticas
Signo natural	—	Signo convencional motivado
Unidades contínuas	Unidades discretas	Unidades discretas

Se por um lado fazemos uma distinção entre entonação gramatical e entonação expressiva, como nos mostra o quadro, por outro devemos reconhecer que os mesmos parâmetros prosódicos são usados para expressar ambas, ou seja, o mesmo material suprasegmental varia para expressar desde emoções até modalidades de sentenças. No entanto, o modelo de Aubergé (2002) mostra que as emoções, embora usem este mesmo material, são diferentes por sua relação de ancoragem no tempo de expressão – porque não são controladas, sendo involuntárias, enquanto os demais tipos de afetos sociais (intenções, atitudes, modos, humores do locutor), assim como modos, modalidades (declarativo, interrogativo), embora trabalhem com os mesmos parâmetros entonacionais, são lingüísticos, uma vez que controlados, intencionais, motivados².

Pontuamos, então, a partir das relações segmentais e suprasegmentais, que a entonação é um aspecto relevante para os estudos da expressão dos sujeitos em interação, por meio de emoções, de atitudes e de afetos sociais, sendo distintiva para o processo de construção do significado.

Pike (1945) observa que a entonação é um recurso comunicacional, uma vez que pode modificar o sentido da sentença em contextos específicos de uso social. Segundo Halliday (1970), as escolhas entoacionais realizadas pelos falantes dependem

² Uma revisão completa sobre a distinção entre atitudes e emoções pode ser vista a partir de Antunes (2007).

de diversos fatores, os quais nos levariam a pensar como as nuances prosódicas ajudam a construir o significado e como as escolhas feitas podem levar às funções que a prosódia pode desempenhar.

A importância da entonação é também relacionada ao sentido da sentença, ao dizermos coisas diferentes. Caso a entonação de uma sentença seja modificada, certamente ocorrerá uma mudança no significado dessa sentença. A entonação é um dos muitos tipos de recursos que estão disponíveis na linguagem e que nos permitem fazer uma distinção de significados. (HALLIDAY, 1970, p. 28).

Crystal argumenta que “intonation’s most obvious role is to express attitudinal meaning – sarcasm, surprise, reserve, impatience, delight, shock, anger, interest, and thousands of other semantic nuances” (Crystal, 1995, p. 249 *apud* Wichmann, 2000, p. 05).

Por meio da fala, expressamos nossas emoções, atitudes e afetos, o que nos mostra a importância da prosódia no processo de interação verbal. A prosódia vem como ferramenta distintiva e fundamental na construção dos significados atitudinais, sendo marcada pelas variações de frequência fundamental, duração, intensidade, ritmo, dentre outros aspectos acústicos. Silva (2008), Oliveira (2011) e Paula (2012), por exemplo, discutiram em seus trabalhos a função da entonação na construção de significados atitudinais no português brasileiro, demonstrando para as atitudes de certeza e dúvida, dúvida, incerteza e incredulidade, e, ironia, respectivamente, que aspectos prosódicos são, de fato, relevantes na produção e recepção desses enunciados.

3 Prosódia da ironia

Na literatura prosódica não há muitos trabalhos que buscam entender o papel da prosódia na ironia; dentre aqueles que encontramos podemos citar, no Brasil, Moraes et al. (2010), Moraes (2011) e Paula (2012).

Weinrich (1966) já mostrava, em sua sistematização, ao tentar descrever as marcas da ironia, uma série de meios que podem ser utilizados na expressão de tal atitude, sendo eles de caráter verbal ou não verbal: modulações gestuais ou entoacionais (incluindo hesitações, *fillers*...), extensão sintática do enunciado, repetições, dentre outros.

Retomando os trabalhos de Moraes (2010), Moraes *et al.* (2011, 2012) e Paula (2012), vemos que a prosódia na produção da ironia é específica em alguns aspectos, diferenciando essa expressão de outras expressões atitudinais ou da expressão não-atitudinal (neutra), ou ainda da leitura. Aspectos como valores de F_0 em determinados pontos-chave das sentenças, tessitura do enunciado ou de certas sílabas, duração do enunciado ou de algumas de suas partes são apontados como parâmetros prosódicos que diferenciam a ironia de outras atitudes proposicionais.

Os trabalhos realizados promovem uma discussão sobre a prosódia da ironia, considerando a fala atuada (mesmo que contextualizada) e lida como fonte de dados para posterior análise acústica e estatística, não ressaltando a importância do discurso para a construção do sentido irônico.

No que tange à prosódia da ironia, Moraes et al. (2011, 2012) não conceituam o termo ironia. No entanto, distinguem duas categorias de atitudes: as atitudes sociais e

as atitudes proposicionais. As atitudes sociais se referem às relações interpessoais estabelecidas entre o locutor e seus interlocutores, como arrogância, sedução, hostilidade, polidez, etc. As atitudes proposicionais denotam um estado mental (postura) do falante em relação a uma proposição (o que está sendo dito), como ironia, surpresa, dúvida, esperança, etc. Portanto, entende-se que os autores incluem a ironia como uma atitude em relação ao dito, e não em relação ao outro (interlocutor).

Ao tomar a ironia como uma atitude proposicional, há certo afastamento da construção discursiva da expressão do interlocutor, porque o sentido não está apenas no dito ou não-dito, ao contrário, está no contrato social que prevê a interpretação do outro acerca da situação expressa pelo enunciado irônico. Um dito irônico não acaba após sua expressão, ele se constrói e reconstrói a cada interpretação e entendimento, a cada contexto imediato de comunicação.

Moraes (2011), propondo a análise de atitudes proposicionais na expressão de enunciados assertivos e interrogativos a partir da relação do falante com o conteúdo proposicional desses enunciados, estabelece a ironia como maior grau de inverdade em relação ao conteúdo proposicional, como podemos ver na Figura 1.

Fonte: Moraes, 2011, p. 09.

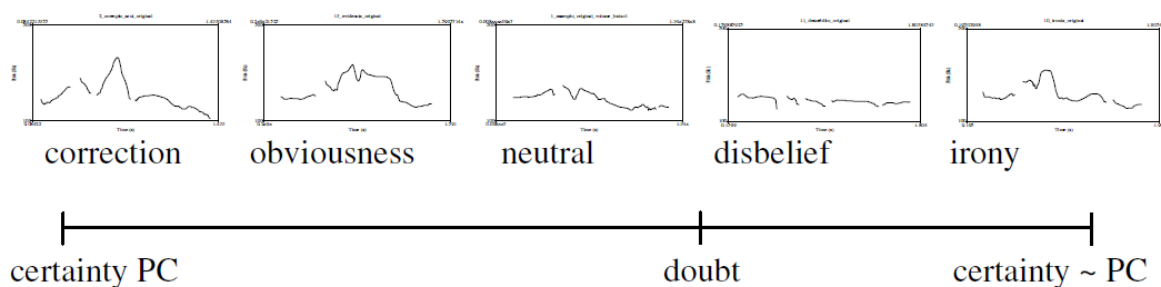


Figura 1 - Eixo das atitudes assertivas.

Conforme as análises do autor, a ironia corresponde à certeza da falsidade, à negação do conteúdo proposicional. Assim, a ironia seria o não-dizer, o não-confirmar de um dito tido como verdadeiro.

Em Moraes et al. (2010), vemos que, em testes perceptivos, as percepções das atitudes proposicionais, nas modalidades de áudio e vídeo, foram dadas como equivalentes – com exceção da ironia. Nos testes de percepção desse estudo, os resultados mostraram validação equivalente no teste só com vídeo para ironia e surpresa; maior validação só com áudio para incredulidade; e com áudio e vídeo maior validação para neutros. Na condição apenas de áudio, os ouvintes mostraram confusão entre incredulidade e ironia. Os autores pontuaram, ainda, que para as atitudes proposicionais, alguns traços salientes foram encontrados, como, por exemplo, um alongamento importante da penúltima sílaba para a ironia e incredulidade. Assim, o trabalho propõe que a multimodalidade é essencial para a compreensão das atitudes proposicionais e que há uma necessidade de estudos que incluam parâmetros multimodais nas análises prosódicas, assim como o parâmetro de qualidade de voz.

A pesquisa desenvolvida por Paula (2012) propõe analisar o comportamento dos parâmetros prosódicos na expressão da ironia, a qual ela considera como uma atitude, de acordo com as postulações de Couper-Kuhlen (1986). Para a conceituação de

ironia, a autora promove uma discussão teórica bastante ampla, porém não satisfaz o uso da ironia como ferramenta discursiva. Seu *corpus* foi composto por falas lidas e atuadas de ironia, a partir de contextos fictícios construídos pela pesquisadora. Paula trata a prosódia em seu sentido amplo, analisando os parâmetros de F_0 , intensidade e duração, e comparando-os entre os enunciados analisados em perspectivas acústicas e estatísticas, desconsiderando o discurso. É exatamente neste recorte que mora um questionamento: a descontextualização dos enunciados; embora haja a transcrição impressa de situações de ironia que cercam e direcionam as interpretações dos atores em suas atuações, não há uma cena enunciativa que considere todos os aspectos discursivos relevantes no processo de construção do significado irônico, que, como já vimos, são fundamentais. Esse trabalho foi relevante para os avanços nos estudos da prosódia de atitudes, especificamente da ironia, de acordo com o que se propôs, nos mostrando que a atuação da ironia tende a variações melódicas mais marcantes do que a fala lida. O estudo mostrou ainda que a entonação, juntamente com outros parâmetros prosódicos como duração e intensidade, os quais também variaram progressivamente para a atuação da ironia, são relevantes para os estudos da atitude de ironia e exercem influência na sua expressão.

O que observamos, portanto, é que os estudos revisados que abordaram a ironia utilizaram-se de *corpora* constituídos por fala lida e ou fala atuada; o que propomos, então, é um estudo pautado na relação fala espontânea x fala atuada, o que deve vir a acrescentar informações importantes para a literatura da área.

4 Fala espontânea e fala atuada

Com o objetivo de estudar o papel da prosódia na construção do significado irônico e de realizar uma comparação entre as estratégias discursivas utilizadas pelos locutores/falantes na fala espontânea e na fala atuada, este trabalho contou com dois *corpora* de expressão da ironia: um *corpus* de fala espontânea, composto por enunciados irônicos selecionados a partir de edições do programa CQC³ (Custe o Que Custar), do ano de 2014, e um *corpus* de fala atuada, composto pelo registro em áudio e vídeo da atuação dos enunciados anteriormente selecionados do CQC por 2 atores do sexo masculino (estudantes dos períodos finais do Curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que têm como língua materna o português brasileiro, com idade entre 20 e 28 anos, com nível médio de ensino completo).

Tratamos aqui de dois tipos de dados de voz humana “natural”, ou dois estilos de fala, os quais influenciam nas coletas de dados: fala atuada e fala espontânea.

Couto, Sá e Figueiredo (2002) nos mostraram que para os gêneros orais estão propostos os estilos de fala lida, fala espontânea e fala atuada, os quais são organizados em coleta experimental, realizadas em laboratórios e ou locais próprios/reservados para gravação, e coleta não experimental, realizada em contextos reais de interação social,

³ O Programa CQC estreou na Rede Bandeirantes de Televisão em 2008, com um formato inovador, pautado na irreverência, mordacidade e humor inteligente. Exibido nas noites de segunda-feira, de forma dinâmica e expressiva apresenta fatos relevantes e atuais da vida política, econômica, cultural, esportiva e artística do Brasil e do mundo. Durante o período de coleta dos enunciados estudados, o CQC contava com os seguintes integrantes: Marcelo Tás, Marco Luque, Dani Calabresa, Felipe Andreoli, Oscar Filho, Maurício Meirelles, Ronald Rios e Duda Noblat.

com pouca e ou nenhuma edição; as autoras daquele estudo ainda cruzam essas características com a de locutor profissional e locutor não profissional, a fim de mostrar que pode haver divergências prosódicas relevantes para a investigação dessas fontes. Uma questão extremamente importante é que um mesmo gênero pode ser considerado de fala lida, de fala atuada ou de fala espontânea, de acordo com o estímulo dado/realizado pelo locutor, seja ele profissional ou não profissional. Por exemplo, o conto de fadas pode ser lido por contadores de histórias de forma não experimental, configurando um gênero de fala lida por um locutor profissional, mas quando “lido” de cor, pode ser considerado fala atuada.

Barbosa (2012) promove uma discussão acerca da composição de *corpus*. Segundo o autor, “a dimensão essencial para a caracterização da espontaneidade é o grau de intervenção do experimentador em relação à eliciação do material, ou seja, quanto maior for a intervenção do experimentador, menor será o grau de espontaneidade da fala” (BARBOSA, 2012, p. 14). Assim, o autor propõe uma classificação dos *corpora*, a partir de duas dimensões: gênero enunciativo e grau de controle pelo experimentador, como podemos ver na figura 2.

Fonte: BARBOSA, 2012, p. 16.



Figura 2 - Proposta de classificação de *corpora* segundo eixo “grau de controle do experimentador” e “gênero ou tipo de *corpus*”.

A fala espontânea, para Barbosa (2012), não está diretamente relacionada ao grau de formalidade (TV, por exemplo), mas ao controle do experimentador, como podemos verificar na figura 2. É importante ressaltar que, embora nos programas televisivos, como CQC, haja certo controle do dito, ou pautas do que dizer, as realizações verbais não são monitoradas pelo experimentador e não são alijadas do discurso que está em processo de construção. Cada enunciado, irônico ou neutro, selecionado do programa, faz parte de uma interação real que ocorre entre locutores do programa e telespectadores ou dos locutores entre si. Assim, o termo espontâneo usado aqui não equivale à conversa face a face, mas difere radicalmente do atuado, uma vez

que é produzido em uma situação real de interação e com intenções reais de ironizar o dito ou uma situação social.

5 Metodologia

Escolhemos o CQC como fonte de dados por se tratar de um programa de entretenimento mais mordaz; dessa forma, julgamos que seria possível encontrar diversos enunciados de expressão irônica para compor nosso *corpus* de fala espontânea.

Para os enunciados de fala espontânea, expressos no referido programa, usamos o seguinte método para seleção: após as audições dos programas, exibidas nos meses de março e abril de 2013 e junho, julho e agosto de 2014, foram selecionadas 06 edições para a retirada dos enunciados, dos programas exibidos nas datas de 23 de junho, 21 e 28 de julho, 4, 11 e 18 de agosto de 2014. A escolha dessas edições baseou-se nas discussões em pauta nos referidos programas e pelas datas mais atuais; assim, foram selecionados 58 enunciados, sendo 21 considerados neutros e 37 irônicos, de 4 locutores, repórteres do CQC, sendo que 3 são do sexo masculino e 01 do sexo feminino, identificados neste trabalho por loc. 1; loc. 3, loc. 4 (do sexo masculino) e loc. 2 (do sexo feminino), que, perceptivamente, a partir da construção de significados possíveis (análise como falante nativo) e de nuances contextuais, assim como semânticas, consideramos irônicos ou neutros. Para confirmação da neutralidade ou da construção irônica desses enunciados aplicamos o Teste de Percepção 1 com 15 voluntários, falantes nativos de português brasileiro.

Este Teste de Percepção 1 consistiu em um método de validação das escolhas dos enunciados e ocorreu da seguinte maneira: convidamos voluntários, estudantes das disciplinas de Fonética e Fonologia do Curso de Letras da UFOP, com idade entre 18 e 25 anos, com nível médio de ensino completo, não restringindo, em nenhuma etapa dos testes, origem geográfica/linguística dos falantes⁴, desde que fossem falantes nativos de português brasileiro. Os estudantes, em uma sala comum, todos juntos, ouviram e assistiram (ao mesmo tempo) aos excertos dos programas, incluindo áudio, vídeo e contexto prévio de realização do enunciado, nos quais havia a expressão de ironia ou neutralidade. Vale pontuar que os enunciados possuíam durações variadas e que as audições contaram com toda cena enunciativa do assunto de fala; cada um dos voluntários teve um formulário impresso, no qual realizou uma descrição livre acerca do entendimento apreendido do enunciado ouvido. Cada enunciado, em um total de 58, foi auditado três vezes com intervalos de dois minutos, para que os voluntários realizassem suas considerações de maneira tranquila. Caso o estudante apontasse um significado contrário ao dito, ou secundário, ou conotativo, entendemos tal escolha como confirmação de que naquele enunciado apareceu uma ironia (segundo a definição de Brait, 1996); se o significado não fosse apresentado dessa forma, mas sim com um significado literal, repetindo o dito, entendemos como confirmação de um enunciado neutro (não atitudinal). Ressaltamos que na seleção feita pela pesquisadora os enunciados irônicos escolhidos não tiveram outras atitudes ou expressão de emoções

⁴ Apesar de utilizar fontes de fala advindas de regiões diferentes do Brasil, as quais podem possuir características sociolingüísticas próprias (do ponto de vista prosódico, os estudos socioletais ainda não são conclusivos a esse respeito, já que investigaram basicamente a fala neutra, como em Cunha, 2000; Cunha, Silvestre; Silva, 2012; Antunes, 2012), este estudo limita-se neste aspecto: não consideraremos possíveis variações sociolingüísticas de expressão entonacional ao estudarmos a ironia.

que poderiam se ajuntar à ironia, e que o conteúdo lexical desses enunciados foi neutro (não houve palavras que possibilitassem a percepção da ironia, mas esta se faz a partir de elementos prosódicos e discursivo-contextuais); pontuamos, ainda, que no formulário de Teste Perceptivo ocultamos a identificação do nome da pesquisa, como forma de não influenciar os participantes. Com a aplicação do Teste, obtivemos 29 enunciados para os quais a maioria dos juízes tenha classificado como irônicos e 12 enunciados para os quais a maioria dos juízes tenha classificado como neutros, totalizando 41 enunciados para posterior análise. Consideramos maioria a porcentagem acima de 60%, para descrição mais específica do Teste⁵.

Com base nos enunciados detectados como irônicos no primeiro teste, foi realizado um Teste de Percepção 2, que objetivava evidenciar o que realmente deveria ser observado e descrito acerca dessas enunciações em nossa análise.

Para fins de sistematização de análise e construção do corpus de fala atuada, compusemos 3 grupos distintos de juízes, com no mínimo dez voluntários, compostos cada um por pessoas que não participaram do Teste de Percepção 1. As pessoas do Grupo 1 (15 pessoas) ouviram apenas o áudio do enunciado e a partir do Formulário de Teste Perceptivo julgaram se o enunciado ouvido era neutro ou irônico; as do Grupo 2 (10 pessoas) visualizaram apenas o vídeo e, da mesma forma, julgaram o enunciado quanto à sua construção irônica ou neutra; e, por fim, as do Grupo 3 (18 pessoas) assistiram ao vídeo do enunciado juntamente com o áudio, sem o contexto de realização, e procederam seu julgamento conforme seu entendimento individual do que era neutro ou irônico. Os 41 enunciados, resultantes dos três testes acima mencionados foram passados três vezes cada, com intervalos de um minuto, para que os voluntários escolhessem a opção que julgassem de acordo com suas interpretações. Assim foi possível caracterizar o que era relevante para a nossa análise, em termos prosódicos a partir do julgamento de sons (determinado pelo Grupo 1), em termos discursivos e prosódicos visuais a partir de pistas do vídeo (determinado pelo Grupo 2), e em termos prosódicos multimodais, a partir do julgamento do áudio e vídeo dos enunciados (determinados pelo Grupo 3), bem como obtivemos pistas acerca da importância da situação e do contexto discursivo desses enunciados na construção do sentido irônico (a partir das respostas do Teste de Percepção 1).

Após os testes de percepção e a seleção final do *corpus* espontâneo, foi conduzida a construção do *corpus* de fala atuada e fala lida:

- Leitura de uma expressão natural/neutra, pelos atores, dos 29 enunciados irônicos selecionados no *corpus* de fala espontânea. Na composição deste *corpus*, usamos a leitura pelo fato de julgarmos uma ‘atuação’ de neutro inadequada, apesar de sabermos que a leitura possui aspectos entonacionais diferentes da expressão neutra (COUTO; SÁ; FIGUEIREDO, 2013; SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2011; PAULA, 2011)⁶.
- Aplicação de um Protocolo de Atuação no qual constam as informações relevantes, discursivas e contextuais retiradas de observações do

⁵ Ver tabela 01, na seção de resultados.

⁶ Fizemos tentativas, com cada ator, de gravar a fala neutra, partindo de uma leitura em silêncio para depois gravarmos, pedindo aos atores que pronunciassem a frase de forma mais natural possível. No entanto, ao compararmos as gravações dessa expressão neutra com a leitura, vimos que as escolhas prosódicas usadas em ambas as gravações foram muito similares, o que nos levou a reduzir o corpus de comparação dos atores para a leitura sem expressividade (chamada pelos atores de leitura “branca”).

pesquisador, para a atuação de enunciados irônicos pelos atores. Vale ressaltar que os atores não ouviram ou assistiram previamente ao vídeo dos enunciados, a fim de não influenciar nos resultados.

Para composição do *corpus* de fala atuada, solicitamos aos atores que atuassem ironicamente o enunciado dado, de acordo com um protocolo de atuação que continha dados descritivos da cena enunciativa do enunciado pretendido.

Analizamos estes enunciados do ponto de vista acústico; assim, os dados de fala espontânea irônica e neutro e fala atuada irônica e leitura foram editados e analisados no programa PRAAT® (Boersma; Weenick, 2014), por meio do qual, após segmentação silábica dos enunciados, foram feitas as medidas acústicas de F_0 , o que nos permitiu verificar valores pontuais e movimentos de frequência fundamental. Medimos, então, pontos de F_0 inicial, final, máximo, mínimo e tessituras, do enunciado, do movimento final do enunciados e demais movimentos relevantes na produção da ironia, em semitons.

Realizamos, ainda, o tratamento estatístico dos dados quantitativos obtidos, por meio de estatística descritiva – média, desvio padrão – e estatística inferencial – Teste T de diferença entre médias, sendo adotado o nível de significância de 5% (IC 95%).

6 Resultados

A primeira seleção dos enunciados irônicos e neutros a comporem o *corpus* de análise deste trabalho foi realizada a partir da percepção da pesquisadora enquanto falante nativa de português brasileiro. A escolha dos locutores que produziram os enunciados selecionados seguiu uma lógica de recorrência, ou seja, os locutores escolhidos realizaram mais enunciados perceptivamente irônicos, assim julgados pela pesquisadora. Além disso, buscamos enunciados que apresentavam uma melhor qualidade no som, já que, por se tratar de um programa com plateia e de exibição ao vivo, em muitos enunciados havia ruídos, sobreposição de turnos, barulhos diversos (palmas, risos), que comprometiam a qualidade sonora desejada para proceder à análise acústica.

A fim de validar a escolha desses enunciados neutros e irônicos, foi realizado, como previsto na metodologia, um teste de percepção de validação dos rótulos atribuídos, cujos resultados encontram-se descritos a seguir.

6.1 Seleção dos enunciados – Resultados do Teste de Percepção 1

O Teste de Percepção 1 foi um teste aberto e consistiu no julgamento feito por 18 juízes dos vídeos dos enunciados previamente selecionados pelo pesquisador. O teste foi realizado em sala de aula do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP, e os voluntários que dele participaram eram estudantes do Curso de Letras da UFOP. Esses voluntários assistiram, todos ao mesmo tempo no intuito de evitar interferências nos resultados, aos vídeos (com áudio) dos enunciados dentro de um contexto prévio de realização de cada cena enunciativa (o vídeo exibido trazia a frase alvo com o microcontexto em que foi produzida). Utilizamos um equipamento de projeção, o qual já se encontrava fixo na sala de aula, para exibição das imagens, um aparelho Home Theater para melhor propagação do som, ambos conectados a um

computador para reprodução dos vídeos. Para controle temporal, cada vídeo foi exibido três vezes, com intervalos de dois minutos entre um vídeo e outro para resposta dos juízes.

A tarefa dos juízes consistiu em, após ver o vídeo três vezes, explicar o significado do enunciado alvo, que estava discriminado no formulário do teste. Para isso, cada voluntário recebeu folhas com os enunciados selecionados e espaço para escrever o significado desse enunciado no vídeo, de acordo com o que tivesse compreendido pelo vídeo assistido (nesse primeiro teste, o contexto foi disponibilizado no vídeo, já que para identificar os enunciados irônicos ou neutros a pesquisadora usou também o contexto em que as frases ocorreram).

A análise dos resultados do primeiro teste começou com a leitura de todos os comentários, respostas e avaliações dos juízes a respeito do que entenderam de cada frase, a fim de definir parâmetros para considerar o enunciado irônico ou neutro.

Assim, consideramos irônicos os julgamentos que apontaram significados contrários ao dito, ou secundários, ou conotativos, que levavam a uma interpretação irônica segundo os conceitos vistos para esse afeto social, como podemos ver em alguns exemplos:

“Ela está sendo irônica.”

“Ele queria mentir...”

“O humorista faz uma crítica à falta de preparação da repórter.” [quando o enunciado alvo dizia que a repórter estava bem preparada].

“Brincadeira em relação ao programa Na Moral.”

“O apresentador parece ser sarcástico ao se referir ao ‘querido amigo’ Cleanto.”

“... percebemos que ele não está falando naturalmente.”

Os excertos acima foram retirados das descrições do formulário do teste, no qual os voluntários expressavam o que o enunciado representou, em termos de significados. Percebemos que a conceituação de ironia é extremamente complexa, como discutimos no referencial teórico, já que não houve consenso nas descrições e entendimentos, principalmente no que se refere ao rótulo desse afeto social. Apesar de muitas vezes os voluntários usarem o termo ‘ironia’, ele não aparece em todos os significados considerados irônicos; abrimos esse leque para algumas outras denominações, que foram mais recorrentes nas respostas, tais como: ‘deboche’, ‘humor’, ‘quebra de expectativa’, ‘brincadeira’, ‘trocadilho’, ‘sátira’, ‘piada’, ‘sarcasmo’, ‘crítica’, ‘contradição’.

Para as seleções dos enunciados neutros, consideramos o julgamento de todas as frases cuja descrição de significado foi a confirmação literal do que foi dito ou significado denotativo.

Desta forma, após contagem destas descrições, transformamos as respostas abertas em escolhas fechadas e obtivemos os seguintes resultados para os julgamentos dos 18 juízes, conforme a Tabela 1:

Tabela 1- Porcentagens de coincidência do julgamento dos juízes e da pesquisadora para os enunciados irônicos e neutros no Teste de Percepção 1.

PESQUISADORA	IRONIA	NEUTRO
--------------	--------	--------

JUÍZES		
IRONIA	88,03%	11,97%
NEUTRO	15,66%	84,34%

A Tabela 1 nos mostra a porcentagem de coincidência dos enunciados, julgados como neutros ou irônicos, pelos juízes do Teste de Percepção 1, em relação à classificação prévia feita pela pesquisadora. Se tomarmos um julgamento ao acaso, os juízes marcariam 50% dos enunciados como irônicos e 50% como neutros. Nota-se, pelo resultado geral, que houve uma porcentagem maior que 80% de opiniões coincidentes nos enunciados irônicos e nos neutros. Como o objetivo deste teste era validar as escolhas prévias de enunciados, foram excluídos, a partir dos resultados desse teste, os enunciados irônicos e neutros que obtiveram índice de coincidência abaixo de 60% (8 enunciados irônicos e 9 neutros), pois isso mostra que nesses enunciados o julgamento entre pesquisadora e juízes não apresentou concordância; foram tomados como válidos os enunciados que obtiveram índice de coincidência acima de 60%, já que a maioria dos juízes (mais de 60%) deu para o enunciado a mesma classificação que a pesquisadora. Assim, obtivemos 29 enunciados irônicos e 12 enunciados neutros para a fala espontânea, os quais foram submetidos à análise acústica e ao outro teste de percepção, cujo objetivo era verificar a importância de pistas como o áudio, o vídeo e o contexto para construção do significado irônico.

6.2 Características prosódicas dos enunciados irônicos e neutros na fala espontânea

Para verificarmos as características prosódicas que diferenciavam os enunciados irônicos dos neutros constantes no *corpus* de fala espontânea, realizamos as seguintes medidas acústicas: i) quanto à frequência fundamental, dos movimentos de F_0 e de pontos de F_0 que dão uma visão geral do enunciado (mínimo, máximo, médio, inicial e final); ii) quanto à duração, duração total do enunciado, duração da pré-tônica final e da tônica final do enunciado, duração das pausas. Por meio dessas medidas foram também calculadas a tessitura de F_0 do enunciado (valor máximo menos valor mínimo de F_0), a tessitura de F_0 do movimento final e as taxas de articulação e elocução (TA e TE).

Passaremos, então, a análises individuais dos locutores do CQC buscando comparar os resultados da fala espontânea de cada um consigo mesmo, contrastando enunciados irônicos e neutros. Devido a números baixos de dados para cada locutor e diferenças individuais na expressão, aqui os dados serão apresentados por locutor. Na comparação entre fala atuada e fala espontânea (item 4.3), os locutores serão agrupados para fins de comparação.

6.2.1 Medidas acústicas para loc. 1

Apresentamos, nos gráficos a seguir, as relações entre as medidas acústicas de F_0 e duração para loc. 1, nos quatro enunciados irônicos e cinco enunciados neutros produzidos por esse locutor.

Gráfico 1 - Médias de F_0 máxima e F_0 mínima do enunciado das expressões irônicas e neutras do loc. 1.

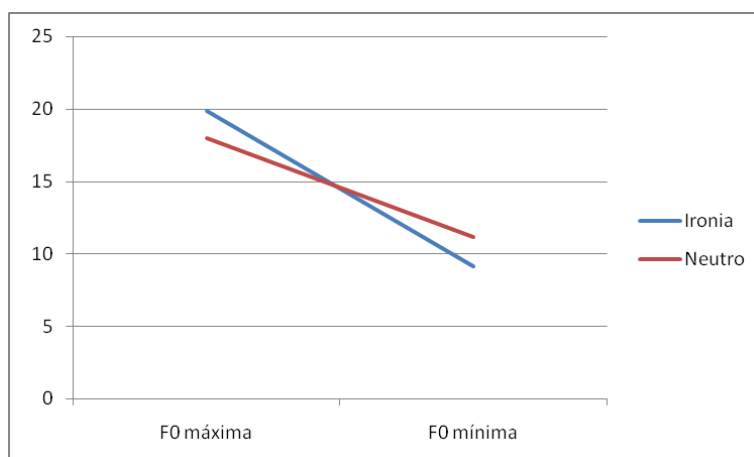
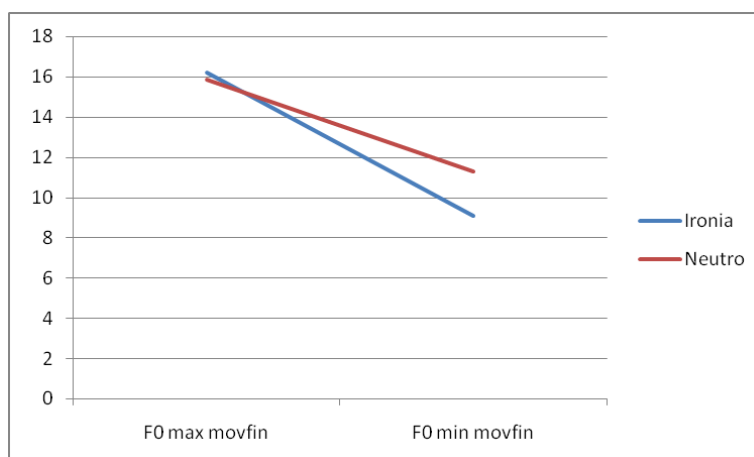


Gráfico 2 - Médias de F_0 máxima e F_0 mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 1.



Observamos que, nas frases ditas pelo loc. 1, há uma tendência de, na ironia, os valores de F_0 máxima serem mais altos e os de F_0 mínima mais baixos, gerando, portanto, maior variação de F_0 , ou tessitura maior nos enunciados irônicos. No entanto, cabe lembrar que, como não se tratam dos mesmos enunciados ditos de forma irônica ou neutra, as comparações feitas aqui nem sempre serão suficientes para dizer quais são as diferenças prosódicas entre enunciados irônicos e neutros. No caso desse locutor, essa tendência a apresentar uma maior variação melódica (tessitura do enunciado) na ironia não se reflete, por exemplo, na média de F_0 , que é maior nos enunciados neutros que nos irônicos.

Como podemos observar no Gráfico 2, os valores de F_0 no início do movimento são mais altos para enunciados irônicos e os valores finais são mais baixos na ironia, por isso a tessitura do movimento irônico na ironia é bem maior do que nos enunciados neutros, o que vai ao encontro dos resultados de Moraes (2011, 2012) e Paula (2012).

Na Figura 3, temos duas curvas de F_0 , as quais demonstram a comparação entre uma expressão neutra (linha pontilhada) e uma expressão irônica (linha contínua).

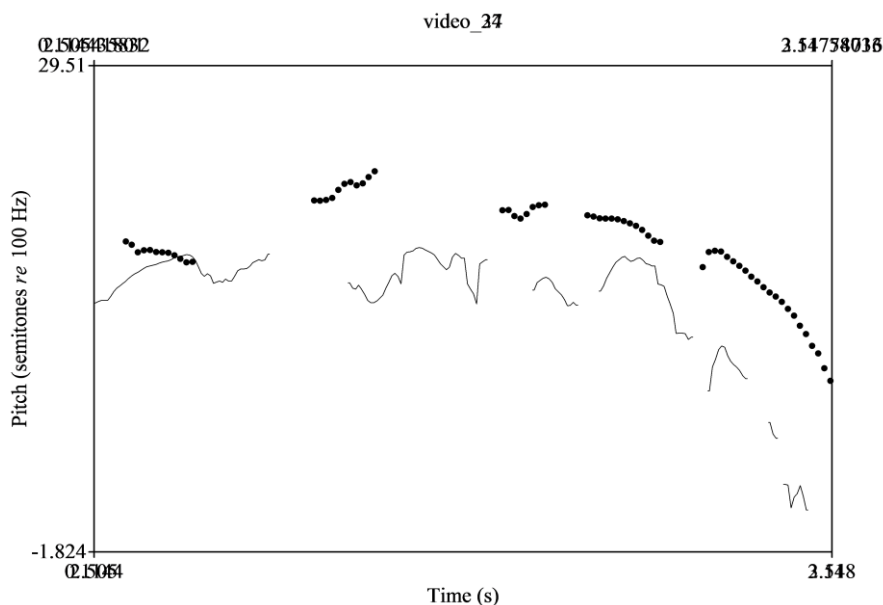


Figura 3- Curva de F_0 do enunciado de expressão neutra “Tá muito legal” (linha pontilhada) e do enunciado de expressão irônica “Ele é um cara organizado” (linha contínua), do loc. 1.

Conforme Figura 3, vemos como há diferenças entre os movimentos na expressão neutra e na expressão irônica; no caso das frases da figura acima, o enunciado irônico aparece em um registro de frequência ligeiramente mais baixo do que o neutro, no entanto apresenta um movimento final de F_0 bastante expressivo.

6.2.2 Medidas acústicas para loc. 2

Assim como apresentado para o primeiro locutor, passaremos a apresentar aqui os gráficos das medidas de F_0 , feitas nos enunciados irônicos e neutros produzidos pela loc. 2.

Gráfico 3 - Médias de F_0 inicial, F_0 final, F_0 mínima e F_0 média do enunciado das expressões irônicas e neutras do loc. 1.

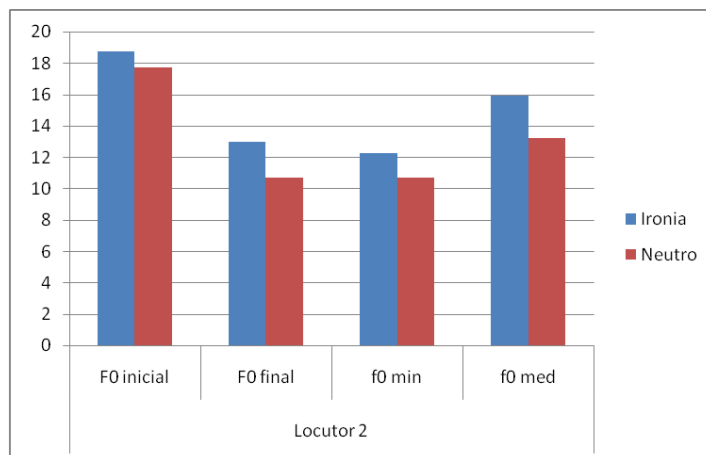
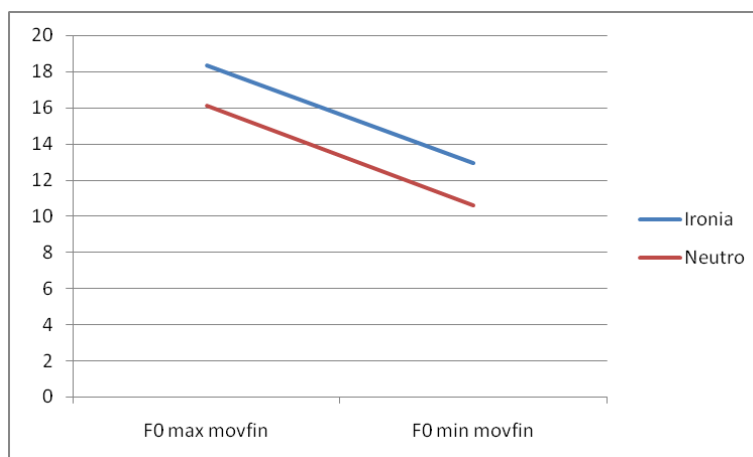


Gráfico 4 - Médias de F_0 máxima e F_0 mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 2.



As medidas dos enunciados da loc. 2, de acordo com os gráficos, mostraram tendências de medidas mais altas para ironia, exceto a tessitura que se apresentou com valor inferior para a expressão irônica; vemos, ainda, que F_0 inicial tende a valores muito próximos para ironia e neutro. Em relação ao movimento final, o mais recorrente foi o descendente, tanto nas sentenças irônicas quanto nas neutras.

A loc. 2 apresenta características de valores mais altos para F_0 inicial e F_0 final do movimento final, e mais baixos para tessitura do movimento descendente da ironia. A análise dos dados mostrou que para o movimento final na ironia a loc. 2 utilizou um registro mais alto em sua expressão, produzindo a ironia num limiar mais agudo. Realiza variações de F_0 como estratégia para expressão irônica. Enquanto para os enunciados neutros a loc. 2 não realizou outros movimentos de F_0 , além do movimento final descendente; dos nove enunciados irônicos em seis houve variações e em dois enunciados a loc. 2 realizou mais de um movimento, a fim de realçar sua intenção na interlocução. A locutora, como estratégia de produção irônica, produz movimentos complexos (ascendentes/descendentes/ascendentes) como maneira de evidenciar a palavra dentro do enunciado, como podemos observar na Figura 4.

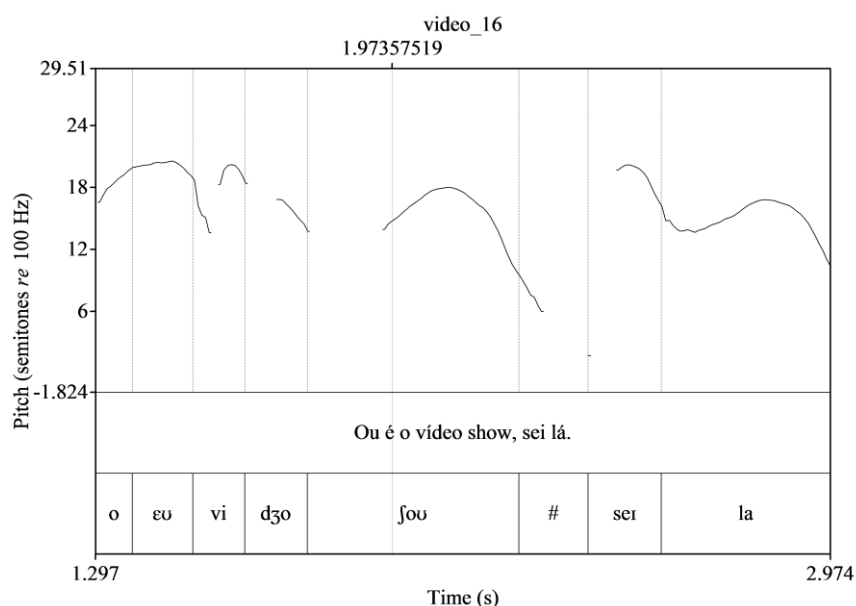


Figura 4: Curva de frequência fundamental, transcrição ortográfica do enunciado, transcrição fonética e segmentação silábica do enunciado “Ou é o Vídeo Show, sei lá.”, expressão irônica da loc. 2, fala espontânea.

A Figura 4 nos mostra como a curva de F_0 apresenta vários movimentos, evidenciando as sílabas $[\Sigma o Y]$ e $[\lambda \alpha]$, apresentando, também, um movimento ascendente antes do movimento descendente final.

Para a loc. 2, tivemos médias de F_0 inicial, final, mínima e média com valores relevantes para o estudo da expressão irônica; F_0 máxima e mínima do movimento final, além da duração da tônica e da pré-tônica, corroborando os estudos de Moraes (2011 e 2012) e Paula (2012), e como nos mostram os gráficos.

6.2.3 Medidas acústicas para loc. 3

Os resultados das medidas para o loc. 3 serão apresentados aqui.

Gráfico 5 - Médias de F_0 inicial, F_0 máxima, F_0 mínima, F_0 média e tessitura dos enunciados irônicos e neutros do loc. 3.

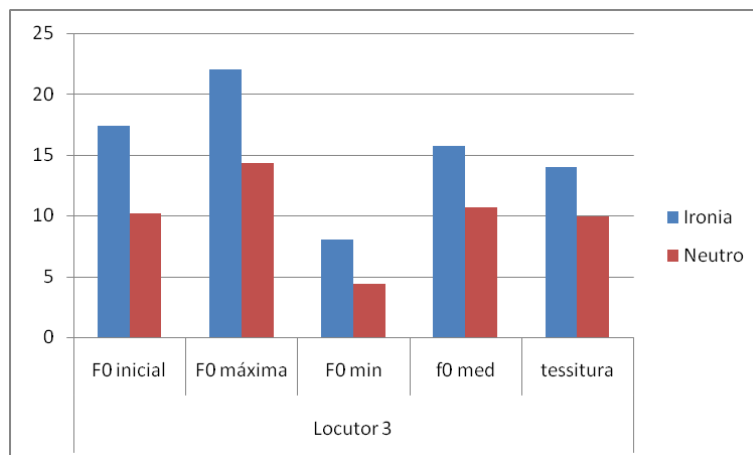
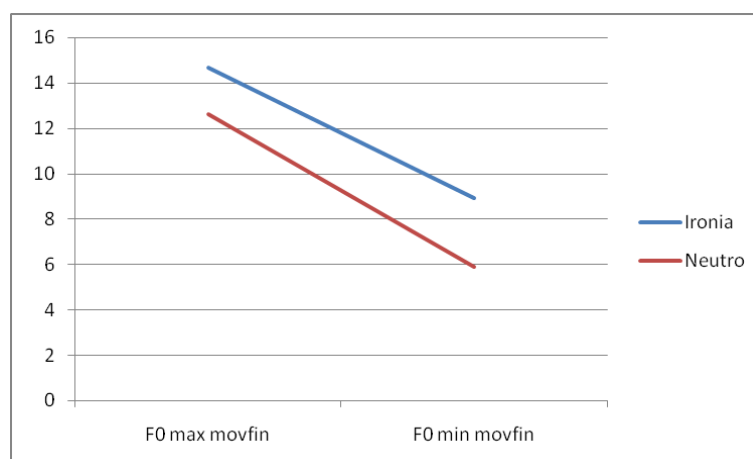


Gráfico 6 - Médias de F₀ máxima e F₀ mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 3.



Percebemos que há tendência de médias mais altas para a ironia. Percebemos, assim, que o locutor 3 utiliza registros maiores de F₀ como uma das estratégias para a expressão da ironia, bem como uma maior variação desse parâmetro, comprovada pela tessitura, maior na ironia que no neutro.

Para o movimento final do enunciado, o loc. 3 realizou movimentos descendentes, e mostrou tendências de medidas mais altas para ironia, embora a tessitura apresente-se com valor muito próximo para ironia e neutro. O loc. 3 realiza, ainda, outros movimentos que podem contribuir para o processo de construção da ironia: dos nove enunciados irônicos, em cinco realizou outros movimentos. Este recurso marcou, em geral, os movimentos que antecederam as pausas ou acompanharam os prolongamentos de sílabas, a fim de dar realce em palavras ou interjeições que evidenciassem a ironia. A Figura 5 nos mostra um exemplo de um movimento realizado pelo locutor.

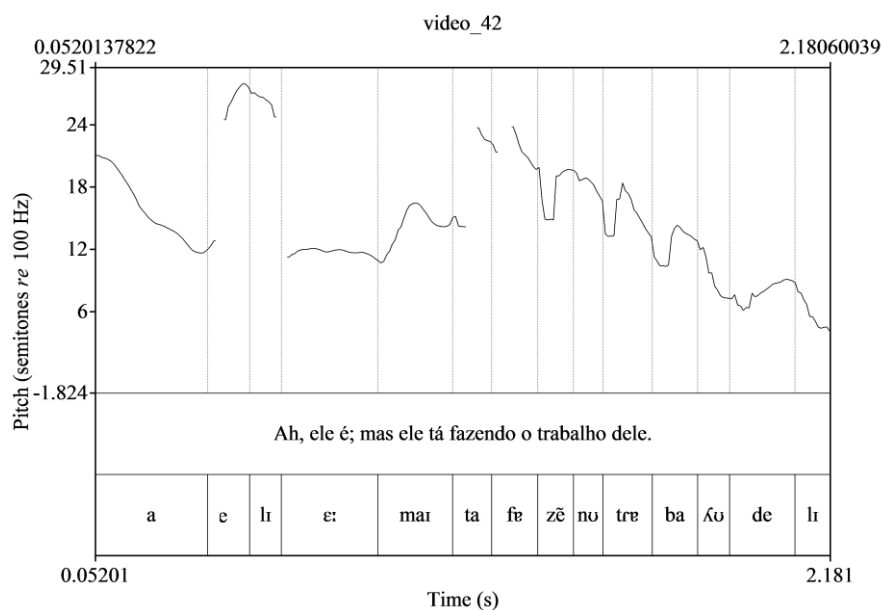


Figura 5 - Curva de frequência fundamental, transcrição ortográfica do enunciado, transcrição fonética e segmentação silábica do enunciado “Ah, ele é; mas ele tá fazendo o trabalho dele”, expressão irônica da loc.03, fala espontânea.

Verificamos, assim, movimentos que marcam acusticamente as intencionalidades do locutor quanto a sua expressão irônica.

6.2.4 Medidas acústicas para loc. 4

Conforme realizamos para os demais locutores, apresentaremos nesta subseção as medidas acústicas dos enunciados do loc. 4. Para os pontos de F_0 , obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 7 - Médias de F_0 inicial, F_0 máxima, F_0 mínima e F_0 média dos enunciados irônicos e neutros do loc. 4.

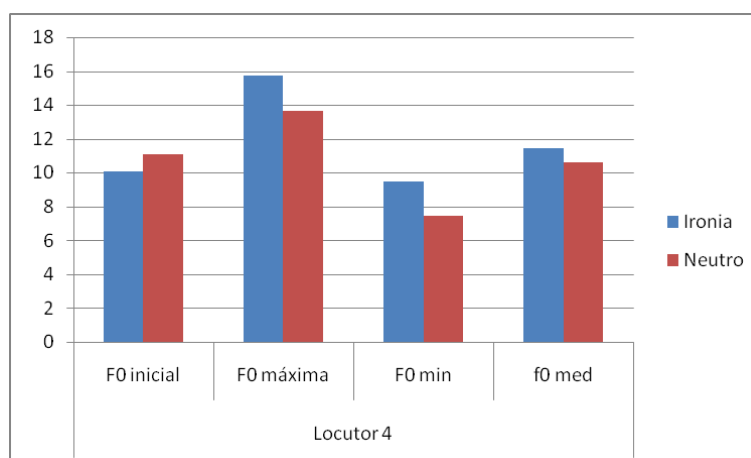
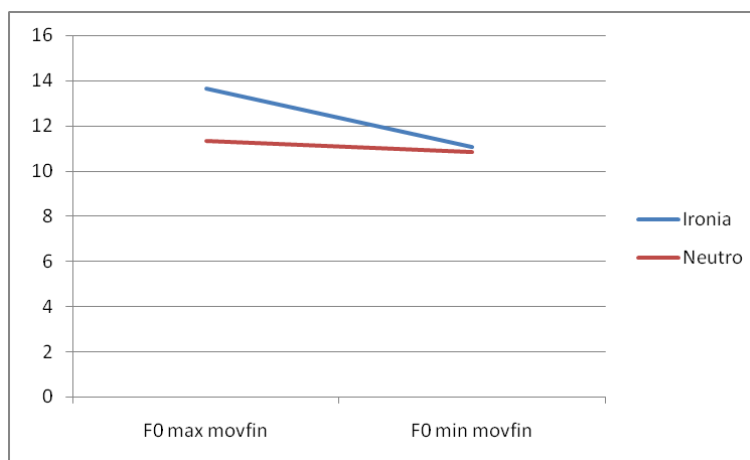


Gráfico 8 - Médias de F_0 máxima e F_0 mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 4.



Conforme os gráficos, o loc. 4 apresenta tendências de valores mais altos na ironia para as medidas de F_0 inicial, máxima, mínima e média; embora apresente valor de tessitura também mais alto na ironia, está muito próximo do valor para o neutro. Quanto ao movimento final, temos valores de medidas mais altas para todos os pontos analisados – F_0 inicial, final e tessitura do movimento final do enunciado, o que leva a considerar que o loc. 4 realiza registros mais altos para ironia do que para o neutro.

6.2 Características prosódicas dos enunciados irônicos e neutros na fala atuada

O *corpus* de fala atuada contou com a interpretação de dois atores voluntários, do sexo masculino, estudantes do Curso de Artes Cênicas da UFOP, dos últimos períodos, que denominamos como loc. 5 e loc. 6. Descrevemos, a seguir, como foi feito para os locutores do programa CQC, as características prosódicas usadas pelos atores na expressão da ironia, e o que diferenciou a expressão irônica de uma leitura simples das mesmas frases.

Apresentamos as medidas acústicas para enunciados irônicos e lidos na fala atuada.

6.2.1-Medidas acústicas para loc. 5

Analizamos, inicialmente, as medidas pontuais de F_0 para o loc. 5.

Gráfico 9 - Médias de F_0 inicial, F_0 final, F_0 máxima, F_0 mínima, F_0 média e tessitura dos enunciados irônicos e neutros do loc. 5.

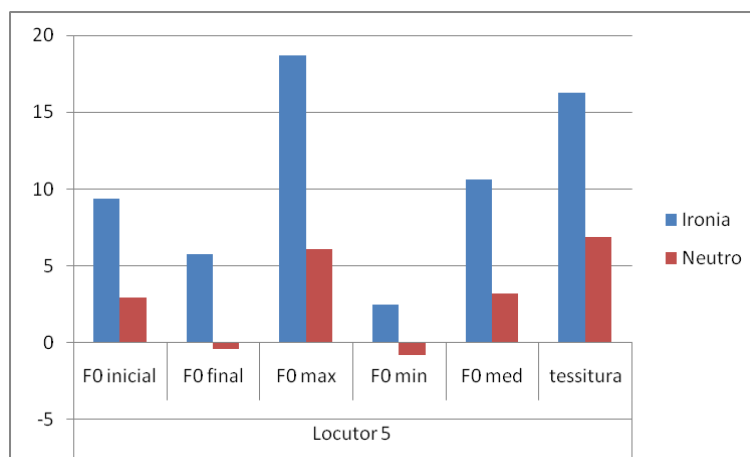
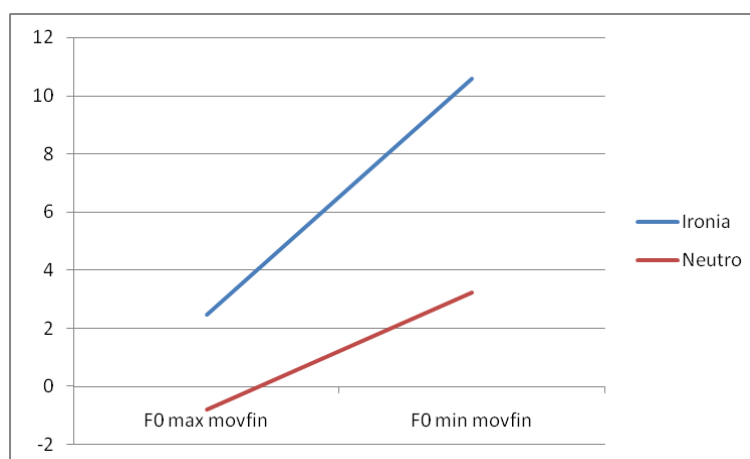


Gráfico 10 - Médias de F_0 máxima, F_0 mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 5.



Conforme os gráficos, o loc. 5 apresentou medidas que vão ao encontro dos estudos de Paula (2012), em que a autora mostra que os atores tendem a realizar medidas de F_0 mais altas na ironia, apresentando um registro de F_0 mais alto para a atuação da ironia do que para a leitura.

6.2.2 Medidas acústicas para loc. 6

O loc. 6 apresentou medidas diferentes para leitura e ironia, como podemos ver nos gráficos a seguir:

Gráfico 11 - Médias de F_0 inicial, F_0 final, F_0 máxima, F_0 mínima, F_0 média e tessitura dos enunciados irônicos e neutros do loc. 6.

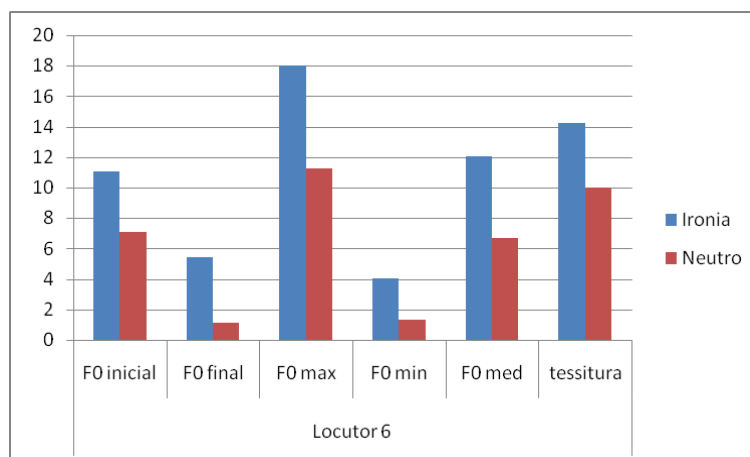
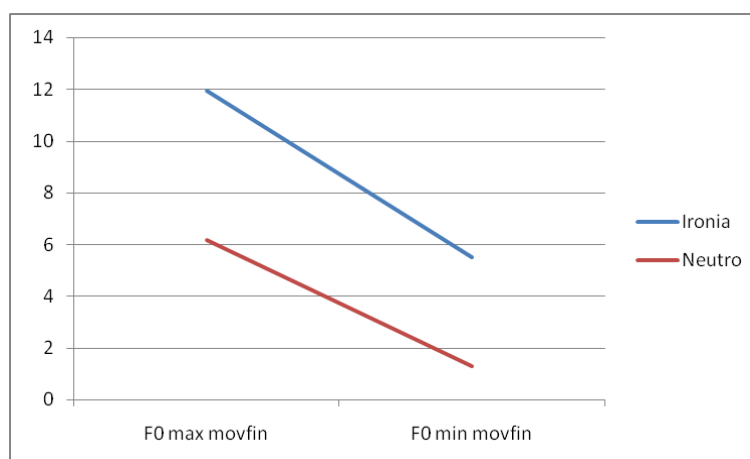


Gráfico 12 - Médias de F_0 máxima, F_0 mínima do movimento final dos enunciados irônicos e neutros do loc. 6.



Na atuação da ironia temos valores mais altos do que na leitura para todas as médias apresentadas: F_0 inicial, F_0 final, F_0 máxima, F_0 mínima, F_0 média e tessitura do enunciado. Para as medidas do movimento final dos enunciados, tivemos valores também mais altos para a ironia.

Os resultados obtidos para medidas de F_0 mostram que o loc. 6 segue padrões prosódicos similares aos observados para o loc. 5.

Apresentaremos, na figura a seguir, um exemplo das diferenças entre a expressão atuada da ironia e da leitura, a fim de ilustrar nossos resultados.

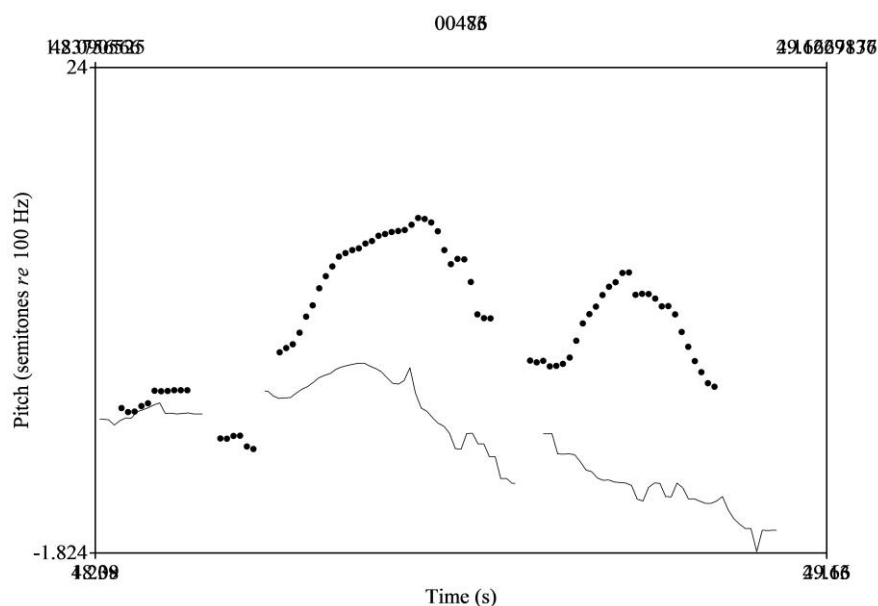


Figura 6: Curva de F0 do enunciado “Adoro bêbado”, expressão de leitura (linha contínua) e expressão atuada de ironia (linha pontilhada), do loc.06.

Na Figura 6 fica clara a diferença entre os movimentos melódicos de F₀ para a expressão da leitura e atuação da ironia. As ascendências e descendências são marcas da intenção do locutor de expressar um enunciado diferente perceptivamente da leitura, uma vez que foi estimulado a atuar um afeto social.

6.3 Fala espontânea x fala atuada

Nesta seção, apresentaremos resultados de cruzamentos dos dados irônicos espontâneos com os atuados, excluindo, dos dados espontâneos, a fala feminina (loc. 2), por apresentar níveis de F₀ muito díspares dos outros locutores.

Tabela 2 - Valores médios e de desvio padrão (entre parênteses) de F₀ inicial, F₀ final, F₀ máxima, F₀ mínima, F₀ média e tessitura do enunciado; e valor de p, no teste t, comparando ironia na fala espontânea e na fala atuada.

	F ₀ inicial (st)	F ₀ final (st)	F ₀ máxima (st)	F ₀ mínima (st)	F ₀ média (st)	Tessitura (st)
Média (DP) ironia fala espontânea n=20	15,33 (4,37)	9,11 (3,80)	19,40 (3,96)	8,74 (3,45)	13,91 (3,90)	10,60 (4,74)
Média (DP) – ironia fala atuada n=47	10,10 (5,48)	5,63 (5,89)	18,40 (5,12)	3,12 (3,64)	11,20 (3,22)	15,40 (4,96)
Valor de p (teste T de diferença entre médias)	0,00	0,00	0,41	0,00	0,01	0,00

A Tabela 2 nos mostra medidas mais altas para ironia espontânea, com exceção da tessitura, que possui valor menor. Os resultados apresentaram-se estatisticamente significativos para todas as medidas, exceto F_0 máxima. Tais valores apontam para que a ironia espontânea tenha valores, no geral, mais altos de pontos de F_0 do que na ironia atuada.

A seguir apresentamos os resultados das medidas de F_0 inicial, F_0 final, tessitura do movimento descendente final do enunciado.

Tabela 3 - Valores médios e de desvio padrão (entre parênteses) de F_0 inicial, F_0 final, tessitura do movimento descendente final do enunciado; e valor de p, no teste t, comparando ironia na fala espontânea e fala atuada.

	F_0 inicial do movimento final (st)	F_0 final do movimento final (st)	Tessitura do movimento final (st)
Média (DP) ironia fala espontânea n=20	14,72 (4,60)	9,63 (3,83)	6,16 (3,29)
Média (DP) – ironia fala atuada n=47	10,71 (6,36)	5,05 (4,90)	5,66 (5,39)
Valor de p (teste T de diferença entre médias)	0,02	0,00	0,71

Ao analisarmos a Tabela 3, percebemos que os valores foram mais altos para a ironia na fala espontânea. Vale pontuar que apenas as médias referentes à medida de tessitura do movimento final do enunciado não foi significativa estatisticamente.

No geral, a ironia da fala espontânea tendeu a valores mais altos para os pontos de F_0 e duração dos segmentos, embora tenhamos observado algumas exceções. A fim de melhor visualizar tais diferenças entre ironia na fala espontânea e na fala atuada, seguem os gráficos comparando todas as medidas acústicas da ironia de expressão espontânea e atuada.

Abaixo temos uma figura que compara as curvas de F_0 de um enunciado para fala espontânea e fala atuada.

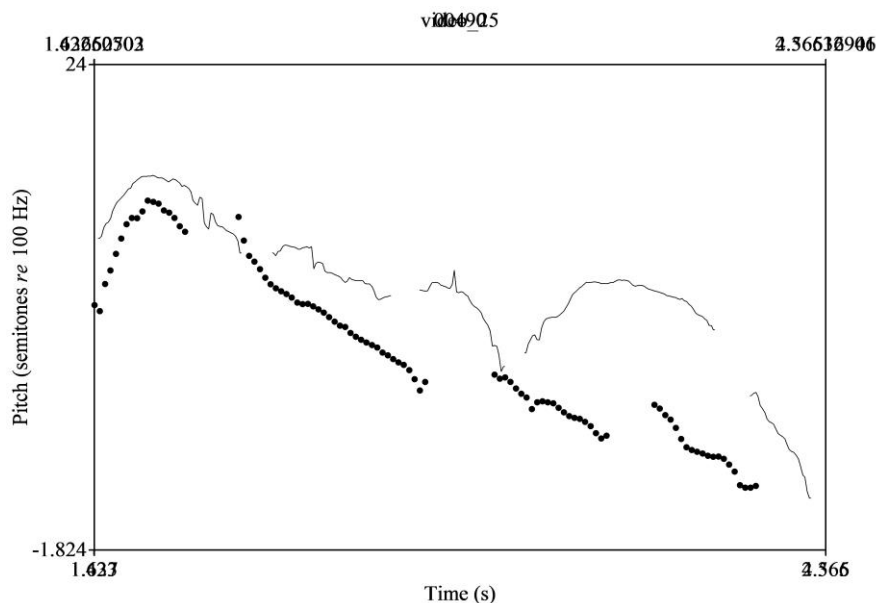


Figura 7 - Curva de F0 do enunciado “Olha como ela é corajosa”, expressão irônica espontânea (linha pontilhada) e expressão irônica atuada (linha contínua).

Percebemos, na Figura 7, que a atuação exagera e realiza movimentos de melódicos mais marcantes do que na espontaneidade. Isso mostra uma caricaturização da fala irônica atuada.

Outra coisa que podemos perceber é que a ironia espontânea não se distancia tanto do neutro espontâneo quanto a ironia atuada se distanciou da leitura. Há realmente um exagero de algumas características prosódicas na expressão atuada.

Em suma, nos gráficos abaixo apresentamos as principais diferenças por nós encontradas entre a ironia atuada e a espontânea.

Gráfico 13 - Médias de F0 inicial, F0 final, F0 máxima, F0 mínima, F0 média e tessitura dos enunciados comparando ironia espontânea e ironia atuada.

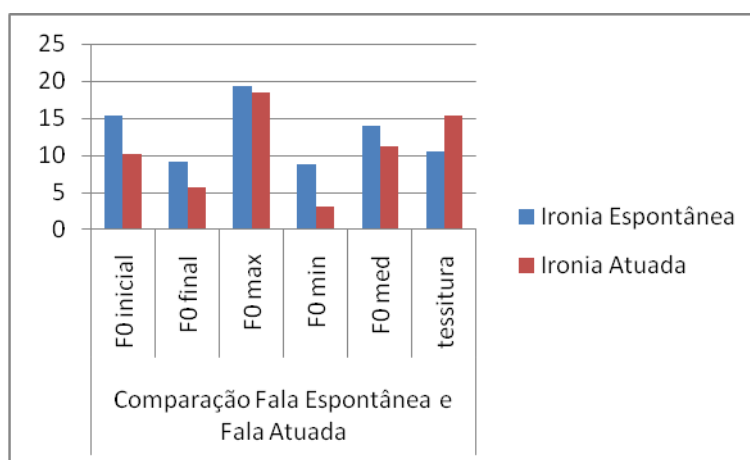
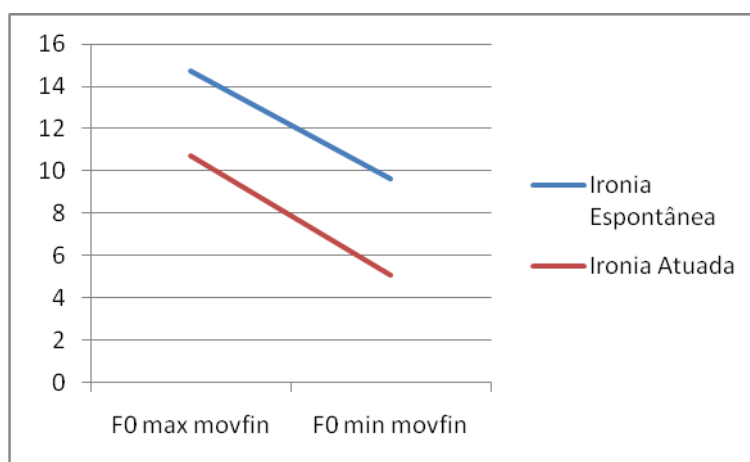


Gráfico 14 - Médias de F_0 máxima, F_0 mínima do movimento final dos enunciados comparando ironia espontânea e ironia atuada.



7 Considerações finais

Como objeto de estudo buscamos analisar o afeto social de ironia sob a perspectiva acústica, na fala espontânea e na fala atuada. As análises acústicas de pontos de F_0 revelaram, em sua maioria, que a ironia não prevê um único padrão entonacional, uma vez que os resultados para as modalidades de fala mostraram diferenças estatísticas.

As medidas de F_0 revelaram parâmetros que foram relevantes no estudo deste afeto social. Em geral, os valores de F_0 foram maiores na ironia espontânea do que na fala atuada, contudo vale pontuar que percebemos escolhas individuais tanto para a expressão irônica quanto para a expressão atuada.

Os resultados aqui apresentados corroboram em parte os estudos de Paula (2012), uma vez que a autora diz que todas as medidas de F_0 foram mais altas para ironia, e o que vimos foi uma diferença significativa entre a fala espontânea e a fala atuada.

Diante disso, concluímos que existem diferenças prosódicas entre a expressão da ironia da fala espontânea e da fala atuada. Tal achado sugere que a fala atuada nem sempre é a melhor opção para os estudos prosódicos dos afetos sociais, já que se demonstra bastante caricatural frente a cena enunciativa real de realização do discurso.

Acreditamos na necessidade de estudos que explorem os *corpora* de fala espontânea, a fim de salientar o uso prosódico real da ironia em situações discursivas. Uma vez que percebemos, ainda que não tenhamos objetivado, que o discurso é fundamental para a construção dos sentidos das expressões sociais. Fica, também, a necessidade de comparar a ironia com outros afetos sociais, como o sarcasmo, o deboche, dentre outros, porque, como vimos, a delimitação da ironia ainda é bastante complicada de ser realizada.

Referências

ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões*. 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

ANTUNES, L. B.; AUBERGÉ, V.; SASA, Y. Certainty and uncertainty in Brazilian Portuguese: methodology of spontaneous corpus collection and data analysis. *Proceedings of the 7th Speech Prosody*. Dublin: Trinity College, 2014. p. 110-114.

AUBERGÉ, V. A Gestalt Morphology of Prosody Directed by Functions: the Example of a Step by Step Model Developed at ICP. *Speech Prosody*. France, 2002. p. 151-154.

BARBOSA, P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Revista de Estudos da Linguagem*, p. 11-27, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2571/2523>>. Acesso em: 15 Dez. 2014.

BOERSMA, P. e WEENINK, D. *Praat*, 1993-2006. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat>>. Acesso em: 15 Dez. 2014.

BOLINGER, D. L. M. *Intonation and its parts: melody in spoken English*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p.137-151, jul./dez. 1992a.

_____. Da importância da prosódia na descrição dos fatos gramaticais. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992b. p.40-64.

CORREIA, P. C. G. *Sob o signo das emoções: expressões faciais e prosódia em indivíduos com perturbação vocal*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Fala) – Universidade Católica Portuguesa, Alcoitão.

COUPER-KUHLEN, E. *An introduction to English Prosody*. Tübingen: Niemeyer, 1986.

COUTO, L. R.; SÁ, P. F.; FIGUEIREDO, N. S. Gêneros orais e entoação: os enunciados interrogativos no espanhol de Buenos Aires e Montevideú. *Interdisciplinar*, edição especial ABRALIN/SE, Ano VIII, v.17, p. 69-98, jan./jun. 2013.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, D. *Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: CUP, 1995 *apud* WICHMANN, A. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. In: *Proceedings of ISCA Workshop on Speech and Emotion: A Conceptual Framework for Research*. Belfast: 2000.

_____. *Prosodic systems and intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

FÓNAGY, I. As funções modais da entonação. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 25, p. 25-26, 1993.

_____. Des fonctions de l'intonation: essai de synthèse. *Flambeau*, Tokyo, n. 29, p. 1-20, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *A course in spoken English: intonation*. London: Oxford University Press, 1970.

HARGROVE, P.; MCGARR, N. *Prosody Management of Communication Disorders*. London: Whurr, 1994. pp. 267-272.

't HART, J; COLLIER R.; COHEN, A. *A Perceptual Study of Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. *Intonation Systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LAVER J. *The Phonetic Description of Voice Quality*. Cambridge University Press: Cambridge, 1980.

LITTMAN, D.; MEY, J. L. The nature of irony: Towards a computational model of irony. *Journal of Pragmatics*, n.15, p. 131-151, 1991.

MORAES, J. *Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro*. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984.

_____. The pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Proceedings of Speech Prosody*. Brasil, maio, 2008. 1 CD-Rom.

_____. From a prosodic point of view: remarks on attitudinal meaning. In: MELLO, H., PANUNZI, A., RASO, T (Orgs.) *Pragmatics and Prosody: Illocution, modality, attitude, information patterning and speech annotation*. Firenze: Firenze University Press, 2011.

_____. A entoação de atos de fala diretivos no PB. *Resumo III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2011.

MORAES, J., RILLIARD, A. MOTA, B. & SHOCHI, T. Multimodal perception and production of attitudinal meaning in Brazilian Portuguese. *Proceedings Speech Prosody*, 2010.

MUECKE, D. C. *Ironia e irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

OLIVEIRA, B. F. V. *A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no Português Brasileiro*. 2011. 194 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Belo Horizonte: UFMG/FALE.

PAULA, K. M. *O papel da prosódia na ironia como expressão de atitude*. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2012.

PIKE, K. L. *The intonation of American English*. Ann Arbor: The Michigan University Press, 1945.

REIS, C. *L'Interaction Entre l'Accent, l'Intonation et le Rythme en Portugais Brésilien*. 1995. Thèse (Doctorat). Aix-en-Provence: Université de Provence.

_____. Prosódia e Telejornalismo. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (Orgs.). Fonoaudiologia e Telejornalismo. *Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

_____. A entonação no ato de fala. In: MENDES, E.; OLIVEIRA, P.; BENNIBLER, V. (Orgs.). *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 221-229.

SCHERER R. K. R. Expression of emotion in voice and music. *Journal of Voice*, v. 9, p. 235–248, 1995.

SCHERER, K. R. Vocal affect expression: A review and a model for future research. *Psychological Bulletin*, v. 99, 143–165, 1986.

SILVA, J. P. G. *Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

WEINRICH, H. *Linguistik der Luge*. Heidelberg Lambert Schneider, 1966.

WICHMANN, A. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (Orgs). *Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion*, Newcastle, set. 2000.